



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

SEGREDOS INCONFESSÁVEIS: A ALMA FEMININA EM MIA COUTO

Lucicleide Nobelino

Universidade Estadual da Paraíba. ppgli@uepb.edu.br

RESUMO

O feminino presente nas obras do escritor moçambicano Mia Couto pode ser percebido de forma profundamente acentuada, e as mulheres são, geralmente, marcadas por dolorosas experiências de vida. Tal perspectiva se faz denotar através dos relatos das personagens, que, mesmo sendo africanas, de alguma forma é o reflexo das vozes de outras mulheres independente do lugar geográfico. Nesse contexto, analisaremos no presente trabalho o papel da mulher e sua condição de subalterna, diante dos homens e da tradição, em *Antes de nascer o mundo* (2009) e *O fio das missangas* (2009) ambas de Mia Couto.

PALAVRAS – CHAVE: feminino, tradição, Mia Couto.

A mulher, apesar dos avanços conquistados social e economicamente, ainda é comum a desvalorização tanto no campo profissional quanto no seio familiar. Isso posto sobre as mulheres ocidentais, o que dizer então das mulheres marcadas culturalmente por tradições patriarcais em que os homens são detentores das atenções e as mulheres existem tão somente para estarem à margem ou à sombra dos mesmos. Servem apenas para gerarem filhos e cuidá-los, e todos aqueles que delas dependem.

Com esta reflexão, iremos expandir esse tema trazendo à tona o papel da mulher e a sua condição de subalterna presente nas obras *Antes de nascer o mundo* e *O fio das missangas* de Mia Couto. Estas obras apresentam elementos culturais relevantes, observados na literatura



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

africana e principalmente na discussão do papel feminino, em que a mulher é relegada ao segundo plano ou mesmo ao subalterno como afirma SPIVAK (2010):

Se o discurso do subalterno é obliterado, a mulher encontra-se em uma posição ainda mais periférica pelos problemas subjacentes às questões de gênero. A teórica exemplifica sua crítica por meio do relato de uma história que privilegia o subalterno feminino, pois, segundo ela: “se, no contexto da produção colonial, o sujeito subalterno feminino não tem história e não pode falar, o sujeito subalterno feminino está ainda mais profundamente na obscuridade.” (SPIVAK, 2010, p. 15-16).

Esta característica de negação da mulher é marcante nas duas obras em análise, apesar de estas narrativas se constituírem em torno de personagens femininas, na primeira com “Dordalma”, esposa de Silvestre Vitalício, que o próprio nome traz no cerne a simbologia da mulher. O passado na vida das personagens da obra *Antes de nascer o mundo* é pura negação recordada em torno da morte da mãe, morta em circunstância misteriosa. E o futuro se afigura inexistente. Em *O fio das missangas*, em especial nos contos “O cesto” e “A sai almarrotada”, as personagens sequer têm nomes que atestam sua individualidade. Em *O cesto*, a mulher adquire identidade através do marido, conforme podemos constatar no seguinte fragmento: “Pela milésima vez me preparo para ir visitar meu marido ao hospital” (COUTO, 2009, p. 21). É assim que a personagem nos é apresentada. Nesse viés, Gayatri Spivak ainda infere sobre essa condição da mulher:

Com respeito à “imagem” da mulher e a relação entre a mulher e o silêncio pode ser assinaladas pelas próprias mulheres, as diferenças de raças e de classes estão incluídas nessa afirmação (...), a construção de gênero mantém a dominação masculina. (SPIVAK, 2010, p. 66).

E conclui mais à frente que “a mulher subalterna continuará tão muda como sempre esteve” (SPIVAK, 2010, p. 86). Esse paradigma de percepção que nos dá margem para discussão em torno da submissão da mulher, reprimida e marginalizada pela opressão patriarcal.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

O autor Mia Couto em uma entrevista concedida ao jornal *O globo*, lançando o seu romance “*A confissão da leoa*”, comentou como a opressão em relação às mulheres assume tanto formas ancestrais como modernas:

Essa condição de exclusão e opressão é ainda muito presente em Moçambique. Em geral, as sociedades rurais são muito patriarcais e a mulher vive numa situação em geral que não tem direito à palavra, não tem direito à presença senão mediatizada por um homem. O que refiro no livro, nesse aspecto, é um retrato da realidade. As jovens rapidamente são tidas como mulheres. Mas só no sentido sexual e da maternidade. Porque não chegam a ser respeitadas como mulheres. As velhas e, sobretudo as viúvas são olhadas com desconfiança e muitas vezes tratadas como feiticeiras. (COUTO, 2012).

Essa condição da mulher emudecida é observada em várias passagens do romance *A confissão da leoa*, como podemos perceber abaixo:

- Há muito que eu não vivo. Agora, já deixei de ser pessoa. Meu pai olhou-a, desconhecendo-a. A mulher nunca falara assim. Aliás, ela quase não falava. Sempre fora contida, guardada em sombra. (COUTO, 2012, p. 20).

A mulher não respondeu. Preferir não era um verbo para ela. Quem nunca aprendeu a querer como pode preferir? (COUTO, 2012, p. 24).

O universo das narrativas de Mia Couto encontra-se intrinsecamente ligada à história brasileira, esta por sua vez indissociável da literatura africana. Assim, no presente trabalho, pretende-se expandir a discussão de como se desenha a presença da mulher assinalada pelo subalterno de forma que o feminino seja o viés central de abordagem nas obras as obras *Antes de nascer o mundo* (2009) e *O fio das missangas* (2009).

Antes de nascer o mundo (2009), é uma narrativa que conta a história de cinco moçambicanos e um animal, com qualidades de humano. Eles anulam o passado e o futuro numa fuga delirante da realidade. O livro é narrado por uma das personagens, o filho mais novo de Silvestre Vitalício, que é o viúvo de Dordalma. Mwanito que fora levado quando pequeno para uma coutada com seu irmão Ntunzir, o serviçal Zacária Kalash, a jumenta Jezibela, a qual é a única figura feminina permitida no lugar, e o tio Aproximado. Este lugar



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

que Silvestre diz ser o derradeiro do mundo e o nomeia de Jesusalém como sendo “a terra onde Jesus haveria de se descrusificar” (p. 11) e o lugar aonde “- Um dia, Deus nos virá pedir desculpa” (p. 20).

O enredo é dividido em três livros, o primeiro intitulado “Eu, Mwanito, o afinador de silêncios” (p. 11), é a apresentação das personagens, em que o narrador dedica um capítulo para cada uma. O segundo, “A visita”, conta a chegada de Marta, uma portuguesa que chega a Moçambique à procura do seu marido. E acaba por fazer grande reboliço no reino em que Silvestre Vitalício tratava como se eles fossem os últimos sobreviventes. “- O mundo acabou, meus filhos. Apenas nos resta Jesusalém.” (p. 21), o filho inconformado indaga “- E não há mais ninguém no mundo? [...] - Somos os últimos. (p. 21). E a visitante chega para desmistificar os delírios daquele que se dizia dono. O terceiro é intitulado “Revelações e regressos”, é onde acontece a despedida deles de Jesusalém em que as personagens iniciais juntamente com Marta partem para cidade, e é também onde a verdade vem à tona com surpreendentes revelações e culmina no desfecho.

Em *Antes de nascer o mundo*, (2009) temos outras figuras femininas que merecem destaque como Marta, já citada anteriormente, Noci, companheira do tio Aproximado, e que viria mais tarde traí-lo com o sobrinho, e Dordalma, que por causa da sua beleza arrancava suspiros, de inveja das mulheres e desejos dos homens, e que só final é que vamos descobrir os reais motivos da sua morte.

Eis os factos, nus e crus. Nessa manhã tua mãe entrou no chapa-cem e espremeu-se entre os homens que enchiam a viatura. O autocarro partiu, entre fumos, animado de estranha pressa. O chapa não seguiu o rumo habitual. O motorista desconduziu-se, [...]. O que passou a seguir até me dói escrever.

A verdade é que, de acordo com as esquivas testemunhas, Dordalma foi arremessada no solo, entre babas e grunhidos, apetites de feras e raivas de bicho. E ela foi-se afundando na areia como se nada mais que o chão protegesse o seu frágil e trémulo corpo. Um por um, os homens serviram-se dela urrando como se se vingassem de uma ofensa secular.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Doze homens depois, [...] restou no solo, quase sem vida. Nas seguintes horas, ela não foi mais que um corpo, um vulto a mercê dos corvos e dos ratos e, pior que isso, exposto aos olhares maldosos dos raros passantes. Ninguém a ajudou a erguer-se. Vezes sem conta tentou recompor-se, mas, não encontrando forças, voltou a tombar, sem lágrima, sem alma (COUTO, 2009, p. 243-244).

Antes de nascer o mundo é um livro que impressiona pela forma como o real e o fantástico estão entrelaçados e que de maneira sutil nos prende e nos arremata pela fábula criada por Mia Couto. Iremos encontrar na obra elementos de uma cultura machista e preconceituosa, a mulher sendo a maior vítima.

O livro *O fio das missangas* (2009), é uma belíssima obra literária que traz no nome a sua essência, colocando uma história sobre as outras, igual a um colar. Apesar de as narrativas serem curtas de alguma maneira se transformam dentro de nós, é como se ganhassem vida e parentesco. São contos e como tal se caracterizam por pequenas narrativas, mas Mia Couto com sensibilidade rara nos conduz pelo universo das personagens, fazendo-nos enxergar através das atitudes de algumas mulheres, que para sociedade seriam ilícitas, nos compreendemos os reais motivos e não as condenamos. É essa sensação que contagia os leitores no conto *O cesto*, um dos mais transparentes da coletânea. Nele, podemos observar uma mulher reprimida e marginalizada, que certo dia deseja a morte do próprio marido. Leia-se abaixo:

- Só peço um oxalá: que eu fique viúva o quanto antes!
O pedido me surpreende, como se fosse outra que falasse. Poderia eu proferir tão terrível desejo? E, de novo, a minha voz se afirma, certa: - Estou ansiosa que você morra, marido, para estrear este vestido preto. (COUTO, 2009, p. 23).

Aqui estamos diante de uma personagem que sempre fora negada o direito de falar, de se posicionar perante a vida. Podemos nós julgá-la? Ela que vivia só para o momento da visita que fazia ao marido moribundo no hospital. “Hoje será como todos os dias: lhe falarei, junto ao leito, mas ele não me escutará. Não será essa a diferença. Ele nunca me escutou.”(COUTO, 2009, p. 21). Ela fica satisfeita com o silêncio do esposo. “Prefiro o



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

silêncio, que condiz melhor com a minha alma. Agora, pelo menos, já não sou mais corrigida. Já não recebo enxovalho, ordem de calar, de abafar o riso”. (COUTO, 2009, p. 22).

No dia em que completou mil dias de visitas, ela a passa diante do espelho e nota que o pano que o cobria estava no chão, então percebe que estava viva e, mais que isto, se sente bonita:

Estou de saída, para a minha rotina de visitadora quando, de passagem pelo corredor, reparo que o pano que cobria o espelho havia tombado. Sem querer, noto o meu reflexo. Recuo dois passos e me contemplo como nunca antes o fizera. E descubro a curva do corpo, o meu busto ainda hasteado. Toco o rosto, beijo os dedos, fosse eu outra, antiga e súbita amante de mim. O cesto cai-me da mão, como se tivesse ganhado alma. (COUTO, 2009, p. 22- 23).

Porém, chegando ao hospital o seu desejo se realizara, o seu marido havia morrido, mas ao contrário do ela imaginava que se libertaria, que seria uma nova mulher não é o que acontece:

Saio do hospital à espera de ser tomada por essa nova mulher que em mim se anunciava. Ao contrário de um alívio, porém, me acontece o desabar do relâmpago sem chão onde tombar. Em lugar do queixo altivo, do passo estudado, eu me desalinho em pranto. Regresso a casa, passo desgrenhado, em solitário cortejo pela rua fúnebre. Sobre a minha casa de novo se tinha posto o céu, mais vivo que eu. Na sala, corrijo o espelho, tapando-o com lençóis, enquanto vou decependo às tiras o vestido escuro. Amanhã, tenho que me lembrar para não preparar o cesto da visita. (COUTO, 2009, p. 24).

Mesmo diante da morte do marido ela não se desprende, é como se uma força interior a reprimisse, não tem mais a voz do seu homem mandando-a silenciar, mesmo assim ela não consegue a tão sonhada autonomia. A força da tradição, dos costumes é maior que as circunstâncias, apesar do silenciamento do opressor essas outras vozes ainda ecoa dentro da personagem.

Semelhante aniquilamento percebe-se em outro conto da mesma coletânea, *A saia almarrotada*, uma mulher também sem nome, única filha entre vários irmãos, reprimida e



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

subjugada “Nasci para cozinha, pano e pranto. Ensinaaram-me tanta vergonha em sentir prazer, que acabei sentindo prazer em ter vergonha.” (COUTO, 2009, p. 29). Características da maioria das mulheres da vila em que morava inclusive sua mãe: “Minha mãe nunca soletrou meu nome. Ela se calou no meu primeiro choro, tragada pelo silêncio.” (COUTO, 2009, p. 29).

Foi criada pelo pai, os irmãos e um tio, este último a presenteou em segredo uma saia rodada, que não sabendo o que fazer com a prenda a enterrou no quintal. E mesmo depois da morte do pai não consegue se livrar da opressão patriarcal:

Chega-me ainda a voz de meu velho pai como se ele estivesse vivo. Era essa voz que fazia Deus existir. Que me ordenava eu ficasse feia, desviçosa a vida inteira. Eu acreditava que nada era mais antigo que meu pai. Sempre ceguei em obediência (...).

É essa voz que ainda paira, ordenando a minha vez de existir. Ou de comer. E escuto a sua ordem para que a vida me ceda a vez. (COUTO, 2009, p. 31 -32)

Outro ponto relevante na obra é a forma como o autor dá voz à figura feminina que na cultura africana e em tantas outras são discriminadas, subjugadas e silenciadas. O livro *O fio das missangas* é dividido em 29 contos que bem poderia ser 29 romances, tamanho a amplitude das histórias e a vontade que temos de que se prolongasse um pouquinho mais.

È interessante salientar que a obra de Mia Couto encontra-se inserida no contexto cultural e político da África, e que, portanto, sua literatura é permeada por elementos culturais latentes, bem como por questões sociais universalizantes, como a condição da mulher marcada pelo subalterno. O pensamento acerca da condição identitária dos sujeitos insertos nos paradigmas político-sociais supramencionados, como mostrado nas discussões aqui lançadas, encontra-se pautado nos pressupostos teóricos de Stuart Hall no tocante das às identidades e mediações culturais, ou seja, a questão do dominante sobre o dominado.

A identidade negra é atravessada por outras identidades, inclusive de gênero e orientação sexual. A política identitária essencialista aponta



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

para algo pelo qual vale lutar, mas não resulta simplesmente em libertação da dominação (HALL, 2003, p. 12).

Outros autores foram importantes nesse percurso, fazendo um contraponto entre o conceito de identidade, tradição e de cultura. A presença da mulher na tradição africana e sua influência na sociedade. Gayatri Spivak discorre sobre a condição da mulher que se vê “encurralada entre a tradição e modernização”:

Entre o patriarcado e o imperialismo, a constituição do sujeito e a formação do objeto, a figura da mulher desaparece, não em um vazio imaculado, mas em um violento arremesso que é a figuração deslocada da “mulher do Terceiro Mundo”, encurralada entre a tradição e a modernização (SPIVAK, 2010, p. 157).

Sobre esse tema, em *Ventos do Apocalipse* (1999), Paulina Chiziane traz à tona um prisma de percepção que reforça a discussão em torno do estigma social sofrido pelas mulheres. Nesse livro, ela descreve sobre o papel feminino, que mesmo destituído de poder é responsável pela produção agrícola e o cuidado com as crianças e os mais velhos. Apesar da sua importância para sobrevivência das comunidades, alguns fenômenos naturais, como a seca ou as catástrofes de toda ordem, são atribuídos como castigos dos deuses por causa das mulheres:

O tribunal estreou-se com o julgamento das mulheres. Quer as velhas quer as jovens sofreram um julgamento dramático. Havia argumentos de sobra: a mulher é a causa de todos os males do mundo; é do seu ventre que nascem os feiticeiros, as prostitutas é por elas que os homens perdem a razão. É o seu sangue impuro por elas espalhado que faz fugir as nuvens aumentando a fúria do sol. (CHIZIANE, 1999, p. 92).

Pode-se afirmar que tanto em *Antes de nascer o mundo* quanto em *O fio das missangas*, a presença da mulher é imprescindível para construção das duas narrativas. A maneira como o autor adentra no universo feminino, dando voz a essas mulheres tão sofredoras e submissas, condenadas à não existência, revelando os segredos escondidos nos mais recôncavos da alma feminina.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

As agruras apresentadas pelas personagens nas obras de Mia Couto, de alguma maneira são os dilemas de muitas mulheres pelo mundo, que sofrem por verem suas vidas escaparem entre os dedos ou seria entre os medos? Muitas subjugadas, maltratadas e até mesmo silenciadas, pelos seus parceiros ou pela tradição. Estamos diante de um contexto em que os homens podem tudo e as mulheres só observam. Assim vamos vivendo com nossos segredos jamais confessados.

REFERÊNCIAS

CHIZIANE, Paulina. **Ventos do Apocalipse**. Lisboa: Caminho, 1999.

COUTO, Mia. **A confissão da leoa**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

_____. **Antes de nascer o mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

_____. **O fio das missangas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

_____. **Mia Couto fala sobre 'A confissão da leoa'**. [online]. Disponível em: <http://oglobo.globo.com/blogs/prosa/posts/2012/11/10/mia-couto-fala-sobreconfissao-da-leoa-474310.aspace> em 01/05/2015.

HALL, Stuart. **Da Diáspora: Identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: UFMG, 2008.

SPYFAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2010.



**XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES**